

1

Introdução

“A mente que se abre a uma idéia, jamais voltará ao seu tamanho original”¹
(A. Einstein)

1.1.

A importância da cultura na aprendizagem de uma L2

O presente trabalho orienta-se para o estudo da aquisição dos pronomes, em especial *tu* e *você*, e das formas de tratamento no português como segunda língua e da aquisição da cultura brasileira como segunda cultura, mais especificamente da proximidade e do distanciamento tão marcados na nossa cultura.

Quando trabalhamos com português para estrangeiros, sabemos que, mais complicado do que aprender a Língua Portuguesa do Brasil com todas as suas regras gramaticais, é compreender a cultura brasileira, diferente das diversas outras culturas que encontramos em nossa sala de aula. Muitas vezes, o choque cultural é inevitável e vem acompanhado de estereótipos e preconceitos.

Roberto DaMatta (2001), reconhecido antropólogo brasileiro, divide a sociedade brasileira em dois espaços de convívio: o da casa e o da rua. No espaço da casa, as relações são pessoais; há familiaridade, afetividade, proximidade. No espaço da rua, as relações são indiferentes, impessoais, distantes. O brasileiro, em seu dia-a-dia, transfere para a rua a relação de proximidade e familiaridade da casa. Esse tipo de transferência pode ou não ser muito bem aceita pelos alunos estrangeiros que estão imersos em nossa cultura.

A cultura brasileira é fortemente caracterizada como uma cultura de alto contexto, ou seja, as informações estão internalizadas, são mais econômicas, sendo usadas em situações de maior proximidade (cf. Hall, 1993). Nessa cultura, o contexto é muito importante para interpretar determinadas informações.

Por outro lado, existem as culturas de baixo contexto, isto é, as informações são mais extensas e formais, como um código. São culturas em que

¹ Citação localizada na página <http://www.mariainesfelipe.com.br/artigos/artigos.asp?registro=12>. Acesso em 2 de dezembro de 2007.

os relacionamentos são mais impessoais, sem muito (ou quase nenhum) contato físico. A cultura norte-americana é um exemplo desse tipo de cultura: há um forte distanciamento nas relações interpessoais e, muitas vezes, é vista pelos brasileiros como uma cultura fria, assim como a cultura alemã e a inglesa, entre muitas outras.

Hall (idem, p. 61) afirma que:

Em geral, transações de alto-contexto estão mais para o lado emocional, íntimo, enquanto as transações de baixo-contexto são bem menos pessoais e orientadas, com relação ao lado esquerdo do cérebro. É também relevante o fato de que a troca de alto para baixo contexto sinaliza o conhecimento do relacionamento, enquanto a oscilação da escala sinaliza um aumento de familiaridade e geralmente um aquecimento, por exemplo, nas formas de se dirigir ao “Professor” ou “Doutor” usando os primeiros nomes.^{2 3}

Outro ponto relevante a ser mencionado é o conceito de cultura objetiva e cultura subjetiva. A cultura objetiva está relacionada aos sistemas social, econômico, político e lingüístico. Consiste nas manifestações concretas produzidas pela sociedade, como literatura, música, ciência, arte, língua, entre outras. Por outro lado, a cultura subjetiva está relacionada às manifestações abstratas, como valores, crenças e o uso da língua, levando a uma competência intercultural. “Cultura subjetiva está mais relacionada aos traços psicológicos que definem um grupo de pessoas – o pensamento e o comportamento diário destes – que as instituições a qual este grupo pertence”⁴. (Bennett, 1993, p.3)

O foco na cultura subjetiva nos faz perceber que nossos valores culturais modelam nossas formas de interação a todo o momento. Ao considerarmos língua e cultura como dois instrumentos inseparáveis, percebemos determinadas escolhas lingüísticas influenciadas pela cultura, como, por exemplo, o uso de interjeições, aumentativos, diminutivos, onomatopéias, formas de tratamento, entre outras.

“Culturas diferentes agem de forma diferente com relação às emoções, e este ‘agir diferente’ influencia consideravelmente na maneira das pessoas falarem”⁵. (Wiersbicka, 1991, p.121) Se o compararmos a pessoas de outras

² In general, high-context transactions are more on the feeling, intimate side while the low-context ones are much less personal and oriented toward the left brain. It is also relevant that shifts from high- to low-context signal the cooling of a relationship, while a move up the scale signals increased familiarity and usually warming, for example, forms of address from “Professor” or “Doctor” to using first names.

³ As traduções apresentadas nesta Tese são responsabilidade da autora.

⁴ “Subject culture refers to the psychological features that define a group of people – their everyday thinking and behavior – rather than to the institutions they have created”.

⁵ “Different cultures take different attitudes to emotions and these different attitudes to emotions influence, to a considerable degree, the ways people speak”

culturas, o brasileiro demonstra muito facilmente suas emoções (cf. Albuquerque, 2003, pp.136-138). Abraços, beijos, toques, o contato olho-a-olho, tudo isso é muito importante na nossa cultura. Entretanto, o comportamento do brasileiro nem sempre é bem compreendido por estrangeiros, que nos vêem como invasivos e, em muitos casos, vêem a nossa afetividade como não verdadeira, construindo assim um estereótipo negativo.

Como afirmam Grabe & Kaplan (1989), “[...] dificilmente língua e cultura podem ser separadas. Consideramos que a língua é um sistema de expressão de uma cultura e que diferentes línguas apresentam preferências que são influenciadas pela cultura” (apud Oliveira, 2000, p.50). Podemos perceber que, mesmo falando a mesma língua falada em Portugal, o português, a nossa cultura influencia não só a língua falada aqui, mas também a língua escrita, com marcas absolutamente brasileiras.

Por essa razão, não podemos dizer que estamos apenas ensinando a Língua Portuguesa aos nossos alunos estrangeiros. Estamos, sim, ensinando a Língua Portuguesa do Brasil e sua diversidade cultural, interpretadas por alunos estrangeiros com base nas características determinantes dos estereótipos positivos ou negativos, fazendo com que os alunos tenham uma atitude positiva ou negativa diante da nossa língua e, conseqüentemente, da nossa cultura, como veremos mais adiante.

1.2.

Os pronomes e as formas de tratamento na Língua Portuguesa

Para que possamos entender o uso dos pronomes de tratamento na Língua Portuguesa do Brasil, é necessário recorrermos a um pouco de história (cf. Ali, 1964 e Bechara, 2006). Em nosso trabalho, enfocaremos, especificamente, os pronomes tu e você.

No Latim, quando uma pessoa queria se dirigir a outra, era comum usar os pronomes *tu* e *vós*. O uso do pronome *tu* era indiferente à classe social do ouvinte, reduzido na maioria das vezes ao tratamento familiar ou íntimo. Entretanto, o uso do pronome *vós* marcava respeito. No meio popular, era muito comum o tratamento entre pais e filhos por *tu*, enquanto entre os nobres, por considerarem seus filhos sucessores dos seus status, era comum o tratamento por *vós*. A alternância entre os dois pronomes ocorria conforme a circunstância: ironia, amizade, entre outras.

Durante a Idade Média, houve a necessidade de se criarem outras formas para se dirigir aos soberanos. Soto (1997) explica:

Para dirigir-se à figura do rei, o tratamento formal *vós* – herdado do latim – já não era suficientemente honorífico e outras formas vieram substituí-lo. *Vossa Mercê* foi uma das primeiras formas empregadas (ela aparece em textos das Cortes de 1331), porém, seu processo de rápida vulgarização – emprego à pequena burguesia urbana – desbota sua força de interpelação, fazendo-se necessário a criação e emprego de novas formas como: *Vossa Senhoria*, *Vossa Majestade*, *Vossa Alteza*, *Vossa Excelência*. Dois decretos reais (1597 e 1739), textos das Cortes e Cancioneiros documentaram a queda em desuso do tratamento *Vossa Mercê* nas Cortes portuguesa – e algo paralelo ocorreu na Corte espanhola.

Sendo assim, nasciam os chamados “pronomes de reverência” (cf. Rocha Lima, 2000, p.112), resultante da combinação do possessivo *vossa* e do substantivo abstrato que denotava o atributo da pessoa a quem se dirigia. Ainda no século XV, era muito comum a alternância entre essa forma de tratamento e o pronome *vós*. Ainda que a expressão *Vossa Mercê* se cristalizasse no uso com a concordância na terceira pessoa, o tratamento por *vós* ainda era comum.

Segundo Ramos (1996), a forma de tratamento *Vossa Mercê* vulgarizou-se ainda no século XIV, tornando-se forma habitual de tratamento não-íntimo entre aristocratas; no século XV, entre aristocratas e não-aristocratas; no século XVI, entre não-aristocratas (baixa burguesia); e, no século XVII, era ainda recomendada em cartas, tendo-se arcaizado e já convivendo com a nova forma: *você*.

Ainda em relação à expressão *Vossa Mercê*, Lopes e Duarte (2003) ressaltam:

Não há o descarte imediato da forma mais antiga, no caso *Vossa mercê*, em detrimento da forma emergente (*você*), mas um período de transição, de convivência das diversas camadas, que configurariam uma fase de convivência entre duas estratégias. Com relação ao princípio da divergência, postula-se a permanência do item lexical original (*Vossa mercê*) convivendo de forma autônoma ao lado da forma gramaticalizada (*você*), embora divirjam funcionalmente. (p. 63)

No português contemporâneo do Brasil, percebemos a simplificação fonética juntamente com essa vulgarização. Depois de a forma *Vossa Mercê* passar à forma *você*, ainda no século XVII, mais recentemente, em alguns pontos do país, a forma *você* passou à forma *cê*, no século XX.

A partir do século XVIII, passou-se a usar a expressão *o senhor* e as componentes variações de gênero e número com função de pronome de polidez

e respeito. É uma linguagem cerimoniosa, mas sem muita cortesia como os pronomes de reverência.

Segundo Monteiro (1991, apud Modesto 2005) há, atualmente, uma profunda reestruturação no sistema dos pronomes pessoais, talvez correlacionada a uma simplificação do paradigma da conjugação verbal. Para o autor:

a extinção do sujeito *vós* acarreta também a do objeto *vos* e do adjunto *vosso*. Todas essas formas são substituídas por *você(s)*. Gera-se, por outro lado, um novo desequilíbrio com a desvalorização do *tu* e o pronome *você* se generaliza no Brasil como expressão do tratamento de intimidade. (p. 5)

O lingüista alerta para o fato de a forma *tu* aparecer sem a desinência da segunda pessoa na Baixada Santista, mais precisamente em Santos e São Vicente. Mas, e o uso do pronome *tu* no Rio de Janeiro? Como poderíamos explicar a fala de um rapaz carioca, participante do programa BBB7 da Rede Globo: “Ô, Pablo! A gente tava aqui falando de você... que **tu**⁶ é um cara gente boa!”.⁷

Para Soto (op. cit.), a grande mudança no sistema de tratamento no Brasil não é o par *tu/você*, mas sim as formas *o senhor/você*. Rodrigues (2000) acrescenta que:

o termo *senhor*, muitas vezes, é considerado pejorativo, indicando, supostamente, ou que a pessoa com quem falamos é bem mais velha (o que não é educado, segundo a ‘etiqueta’) ou uma frieza, uma distância entre as pessoas. *Senhor* é empregado quando se quer deixar claro que não há intimidade, em situações formais da sociedade de consumo capitalista (relações ‘cliente-fornecedor’) ou quando se quer marcar a distância entre os falantes, não importando se de inferior para superior ou vice-versa. Isto quer dizer que a ‘autoridade’, o ‘respeito’ e a ‘cortesia’ que eram inerentes ao termo já não estão tão presentes, sendo associado mais comumente à distância de idade, grupo, hierarquia, classe social.

Quando enfocamos o sistema de tratamento da língua falada no Rio de Janeiro, podemos encontrar (cf. Santos, 2003, p.35):

- **Tu** → Seguido da flexão verbal de terceira pessoa do singular, é usado em contexto de grande informalidade, podendo significar proximidade, intimidade e afetividade. Normalmente, é utilizado por amigos íntimos e jovens. Ex.: *Tu vai* na festa hoje?

⁶ Grifo nosso.

⁷ Programa Big Brother Brasil 7, exibido no dia 22/03/2007.

- **Você** → Usado em quase todas as ocasiões, é considerado uma forma padrão. Em geral, é uma forma de não pôr em risco a face do ouvinte. Ex.: *Você concorda comigo?*
- **O Senhor / A Senhora** → Usado para falar com o chefe quando há uma considerável diferença de idade ou com pessoas mais velhas. Pode ser usado, também, por crianças ao dirigirem-se a seus pais ou por empregados ao dirigirem-se as suas patroas (cf. Meyer, 2005). Ex.: *A senhora deseja mais alguma coisa?*

Ao focar o tratamento, Santos (op. cit.) destaca as seguintes possibilidades⁸:

- **Título** → usado para marcar uma hierarquia entre os participantes, refletindo as relações sociais. Ele pode aparecer sozinho ou acompanhado pelo nome do receptor. Por exemplo: *Professora Maria*, posso falar com você?
- **Nome + sobrenome** → quando aparece sozinho, o nome pode explicitar uma proximidade entre os participantes. No entanto, quando aparece com o sobrenome (ou um segundo nome), cria um maior distanciamento entre eles. Por exemplo: *Maria Almeida*, posso falar com você?
- **Formas de tratamento especiais**⁹ → normalmente usadas entre jovens, criam um ambiente de proximidade. Podem ser usadas também como forma de identificação de determinados grupos sociais no Rio de Janeiro. Entre outras, podemos citar: *cara*, *moleque*, *meu amigo*, *meu irmão*, ou a emprestada da língua inglesa, *brother*, e as formas carinhosas ou pejorativas como: *minha querida*, *meu amorzinho*, *gatinha* e outras.

Quando há uma insegurança por parte do falante ao se dirigir ao ouvinte, existe ainda a possibilidade de se usar a *marca zero*¹⁰, ou seja, quando esse mesmo falante realiza o ato verbal, sem fazer referência à pessoa do discurso.

⁸ A pesquisa de Santos foi realizada em contexto universitário.

⁹ O termo “formas de tratamento especiais” é uma denominação usada em Santos (2003).

¹⁰ A *Marca Zero* representa os enunciados que não apresentam referenciais de tratamento explícitos.

Este recurso é normalmente utilizado em contextos em que o participante procura não se comprometer de alguma forma com seu interlocutor. Segundo Meyer (1999, p.149):

Os aprendizes do português como segunda língua, muitas vezes inseguros com relação à forma de tratamento adequada à situação de conversação em que se encontram, com frequência fazem uso deste tratamento zero, garantia de acerto.

Ao enfocarmos a cultura, entendemos que mais importante do que nos preocuparmos somente com a escolha de um pronome ou de uma forma de tratamento, é atentarmos para o fato de que usamos essa marca lingüística em um contexto específico, em que haja uma proximidade ou um distanciamento entre os participantes da interação. O que é natural para o falante nativo, parece muito difícil e até desconfortável para o aprendiz do português como segunda língua. Esse desconforto poderá ser visto na análise dos dados mais adiante (capítulo 4).

1.3. O trabalho anterior

O ponto de partida para o atual trabalho foi nossa pesquisa anterior (Santos, 2003). Em nossa dissertação de mestrado, a preocupação foi apresentar a descrição que os alunos estrangeiros (americanos) fazem do uso dos pronomes e das formas de tratamento, mostrando os contextos, proximidade e distanciamento, que o propiciaram. Preocupamo-nos, também, em analisar a construção da identidade lingüística desses alunos, partindo de suas identidades culturais. A pesquisa foi realizada nos Estados Unidos (Providence) e Brasil (Rio de Janeiro), em contexto universitário.

O uso do primeiro nome, bem como de formas de tratamento especiais, é uma estratégia de envolvimento, criando um contexto em que haja proximidade entre os participantes. O uso de títulos e sobrenomes é uma estratégia lingüística de independência, havendo uma tentativa de distanciamento na interação.

Podemos perceber um constante uso do pronome *você*, considerado como forma padrão. A preocupação em salvar a face do outro durante a interação faz com que muitos alunos recorram à marca zero (ausência de tratamento), por interagirem em uma nova língua, não se sentindo familiarizados com as diferentes formas de tratamento disponíveis.

A construção da identidade lingüística é baseada na interação social, em que a identificação com traços da nossa cultura acontece em virtude de objetivos e interesses estratégicos dos participantes. Essa identificação ocorre em cada contexto de uso da língua, a partir de suas identidades culturais, influenciadas por fatores específicos, tais como características pessoais, interação direta com nativos, choque entre culturas e línguas, transferência do espanhol e aprendizado em sala de aula.

A falta de conhecimento por parte dos alunos estrangeiros em relação ao pronome *tu* usado na cidade do Rio de Janeiro parece ocorrer em virtude de nenhum livro didático produzido para o ensino de Português para Estrangeiros trabalhar com o eixo da proximidade e do distanciamento, muito menos com o sistema ternário do tratamento na Língua Portuguesa no Brasil (cf. Meyer, 1999). Além disso, muitos professores recusam-se a apresentar esse uso, por considerarem-no um erro, e não uma variação lingüística.

Esse resultado nos motivou a continuar a pesquisa com outro enfoque; se em um primeiro momento nós descrevemos o uso dos pronomes e das formas de tratamento, agora nós vamos explicar a sua aquisição. Essa nova pesquisa vai nos auxiliar a decidir quais materiais levar para a sala de aula. O que, por que e como trabalhar os pronomes e as formas de tratamento, seus diferentes usos e suas implicações culturais em sala de aula?

Sendo assim, nosso trabalho atual orienta-se para o estudo dos pronomes e das formas de tratamento no Português como Segunda Língua para Estrangeiros (PL2-E¹¹). Como esclarecemos anteriormente, nosso objetivo durante o mestrado foi o de descrever o uso dos pronomes e das formas de tratamento no português como segunda língua. O foco dessa nova pesquisa é na explicação do processo da aquisição desse uso e da aquisição de determinados aspectos da cultura brasileira como segunda cultura.

Se pudermos identificar os fatores externos, como atitude, e internos, como motivação, envolvidos nessa aquisição e na forma como ela ocorre, poderemos entender melhor esse processo, e, conseqüentemente, buscar novas maneiras de aperfeiçoar o ensino do Português como Segunda Língua.

¹¹ Nomenclatura criada pela professora e orientadora Rosa Marina de Brito Meyer. É atualmente usada na área de pesquisa em português para estrangeiros na PUC-Rio.

1.4. Problemas

A prática da sala de aula de PL2-E tem nos feito refletir sobre como os alunos reagem diante da interação com os brasileiros, do aprendizado do português e da exposição à cultura brasileira. Nem sempre o resultado é positivo, ainda que seu desejo, ao decidir participar de um programa de intercâmbio, provavelmente tenha sido o de vivenciar essa nova experiência lingüística e cultural.

Durante a pesquisa para a dissertação de mestrado, pudemos identificar, nos dados coletados, diferentes caminhos usados pelos aprendizes ao utilizarem os pronomes e as formas de tratamento, especialmente ao tentarem se aproximar da cultura brasileira. Os alunos que estavam imersos na cultura brasileira, por exemplo, como afirmamos anteriormente, apresentaram uma proximidade nas suas relações interpessoais, principalmente ao interagirem com professores, chamando-os pelo primeiro nome. Ao interagirem com amigos, os alunos usaram, durante as atividades realizadas para a coleta de dados, formas de tratamento especiais, como, por exemplo “cara”, normalmente usada entre os jovens da cidade do Rio de Janeiro.

Por outro lado, os alunos que estavam imersos em sua própria cultura norte-americana¹² muitas vezes evitaram usar os pronomes e as formas de tratamento (uso de marca zero), criando um ambiente um pouco mais neutro. Em alguns casos, foi possível verificar um distanciamento durante a interação, como na atividade oral realizada entre amigos.

Se compararmos os dados encontrados durante a pesquisa do mestrado com a prática do dia-a-dia da sala de aula, notamos que alguns aspectos são importantes para que se chegue a resultados como esse. A motivação, fator afetivo, e a atitude, fator social, podem interferir diretamente na aquisição dos pronomes e das formas de tratamento, bem como no uso durante a interação.

Essa reflexão nos incita alguns questionamentos ainda com relação aos participantes da pesquisa anterior, tais como: por que esse fato ocorreu? O que motivou os alunos imersos ou não na cultura brasileira a fazerem uso de determinados pronomes e formas de tratamento da Língua Portuguesa do Brasil? Quais eram as suas atitudes diante do aprendizado da Língua Portuguesa? De que forma eles estavam adquirindo a cultura brasileira como

¹² Os participantes da pesquisa para o mestrado eram todos de nacionalidade americana.

sua segunda cultura? Que estratégias de aprendizagem eles utilizaram para aprender os pronomes e as formas de tratamento no Português?

Dessa forma, consideramos necessária uma ampliação da pesquisa, com uma nova coleta de dados, com novos informantes, direcionada a este fim, objetivando encontrar respostas e novos caminhos para auxiliarmos os alunos na aquisição do Português como Segunda Língua e na aquisição da Cultura Brasileira como sua segunda cultura.

1.5. Objetivos

O objetivo geral da pesquisa é analisar o processo da aquisição do uso dos pronomes e das formas de tratamento no PL2-E, no contexto da aquisição da cultura brasileira como segunda cultura (SCA¹³).

Nossos objetivos específicos são:

- identificar e caracterizar os fatores gerais (afetivos e sociais) envolvidos na aquisição do português como segunda língua, especificamente a motivação e a atitude;
- caracterizar as estratégias de aprendizagem utilizadas para a aquisição;
- verificar como os fatores gerais influenciam as estratégias de aprendizagem dos pronomes e das formas de tratamento;
- analisar como esses fatores influenciam na aquisição da segunda cultura.

1.6. Hipóteses

Para o desenvolvimento do nosso trabalho, partimos da hipótese geral de que o sucesso da aquisição de uma segunda língua vem acompanhado da aquisição da cultura dessa língua como segunda cultura. O aluno precisa adquirir, além da estrutura gramatical, um novo conhecimento cultural e um conjunto de restrições culturais específicas do comportamento lingüístico (cf. Libben e Lindner, 1996).

Além disso, acreditamos que:

¹³ Second Culture Acquisition.

- grande parte dos alunos estrangeiros que vêm estudar no Brasil apresenta uma motivação integrativa, isto é, o desejo de aprender a Língua Portuguesa do Brasil e de integrar-se à cultura brasileira;
- uma das estratégias de aprendizagem utilizada por esses alunos é a interação com os brasileiros;
- a atitude positiva diante da interação com os brasileiros e da exposição à cultura brasileira auxilia a aquisição dos pronomes *tu* e *você* e das formas de tratamento da Língua Portuguesa do Brasil, e a aquisição de um aspecto cultural característico da cultura brasileira e muito presente no cotidiano dos brasileiros: a proximidade e o distanciamento no tratamento em contextos específicos.

1.7. Revisão da literatura

Para que pudéssemos entender a evolução diacrônica dos pronomes e das formas de tratamento, recorremos a obras como Ali (1964), Bechara (2006) e Lopes & Duarte (2003), importantes referências sobre o assunto. Modesto (2005), Rodrigues (2000) e Soto (1997) realizaram grandes pesquisas o tema. Meyer (1999 e 2005) dá suporte ao nosso estudo com um enfoque sócio cultural sobre o uso dos pronomes e das formas de tratamento.

Na pesquisa realizada até o momento, não encontramos trabalhos específicos sobre a aquisição do português como segunda língua, em que fatores gerais, como a motivação e a atitude, fossem observados.

Serão utilizadas obras sobre motivação e atitude, que usam o modelo Sócio-Educacional de aquisição de segunda língua e sobre o desenvolvimento da competência pragmática. Este modelo aborda quatro aspectos do aprendizado de uma segunda língua: os ambientes social e cultural onde o aprendiz nasceu e cresceu, as diferenças individuais do aprendiz, o ambiente em que está sendo aprendida a L2 e o resultado da aprendizagem. Dörnyei (2003), em seu artigo, procura fazer uma revisão das mais recentes e avançadas pesquisas em motivação para aprender uma segunda língua ou uma língua estrangeira. Hashimoto (2002) também trabalha com motivação e, além disso, utiliza em seu estudo a teoria do modelo sócio-educacional e do modelo de espontaneidade para comunicar (WTC)¹⁴.

¹⁴ Willingness to Communicate Model.

Gardner et alii (2004) pesquisaram motivação integrativa durante um ano em um curso de francês intermediário. Nesse artigo, os autores apresentam os pontos principais do Modelo Sócio-Educaional e os principais objetivos da bateria de testes (AMTB – The Attitude / Motivation Test Battery), de grande importância para o nosso trabalho. Este teste foi originalmente desenvolvido com falantes de língua inglesa que estudam francês como segunda língua. Ele é composto por 11 sub-testes agrupados em 5 categorias: integratividade, atitude diante da situação de aprendizado, motivação, orientação instrumental e ansiedade.

O livro *Motivation and Second Language Acquisition* (2002) é uma coletânea de artigos sobre motivação na aquisição de segunda língua. Alguns desses artigos foram apresentados em um colóquio sobre motivação em L2, organizado pela *American Association for Applied Linguistics* (Vancouver, 2000).

Collentine & Freed (2004) verificam como o contexto pode afetar diretamente a aquisição de uma segunda língua. Diferentes tipos de contextos são apresentados, como o contexto do intercâmbio intercultural, ou seja, a imersão no país da língua alvo, e o contexto da imersão no próprio país do aprendiz.

No que tange às estratégias de aprendizagem, Ellis (2003^a), Brown (2000), O'Malley e Chamot (1990) e Oxford (1990) apresentam importantes conceitos que nos auxiliaram na definição das estratégias elencadas por nós no questionário respondido pelos participantes de 2006.1. As reflexões de McDonough (1995) também contribuíram para a nossa análise.

Em relação à aquisição de segunda cultura, Libben e Lindner (1996) fazem uma comparação entre aquisição de segunda língua e aquisição de segunda cultura. Segundo os autores, a competência lingüística pode estar diretamente acompanhada da expansão da competência cultural.

1.8. Organização do trabalho

Nosso estudo divide-se em seis partes. O primeiro capítulo, como pôde ser visto, teve a finalidade de, em linhas gerais, apresentar o nosso trabalho.

O segundo capítulo, *Fundamentação Teórica*, é dedicado às teorias às quais o trabalho recorreu. Para tal, fizemos um breve levantamento dos conceitos de primeira língua e segunda língua, segunda língua e língua

estrangeira, das diferenças entre aquisição e aprendizado. A realização da nossa pesquisa contou, como já mencionado, com os conceitos fundamentais de aquisição de segunda língua e de aquisição de segunda cultura, bem como com as definições de motivação, atitude e estratégias de aprendizado.

O terceiro capítulo, *Metodologia de Pesquisa*, contempla a metodologia utilizada na elaboração e desenvolvimento da nossa pesquisada. Apresentamos como foi realizada a coleta dos dados, quais foram os instrumentos empregados e os sujeitos da investigação.

O quarto capítulo, *Análise dos Dados*, por sua vez, consiste em mostrarmos o resultado da análise dos dados, através das atividades e dos questionários respondidos pelos participantes. Além disso, dedicamos a esse capítulo uma reflexão acerca das teorias usadas, com uma proposta de adaptação da teoria usada à nossa realidade (PL2-E).

O quinto capítulo, *Lidando com a atitude positiva e a atitude negativa em sala de aula: o papel do professor*, é voltado para uma proposta de aplicação e adaptação de materiais existentes no nosso dia-a-dia, tais como diferentes gêneros textuais (em especial os quadrinhos), à sala de aula, a fim de atenuarmos as atitudes negativas advindas do possível choque com a nossa cultura.

No último capítulo, finalmente, tecemos as *Considerações Finais* do nosso trabalho, mostrando a relevância deste estudo e propondo o desenvolvimento de outras pesquisas sobre o assunto em outros contextos, com outros enfoques.